

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Sueli Porte Brentan

Escola Técnica Estadual de Santa Fé do Sul

Santa Fé do Sul/SP

2024

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistador: Marcos Antonio Reis

Instituição: Escola Técnica Estadual de Santa Fé do Sul

Elaboração do roteiro da pesquisa: Ulisses Batista Thadeu Salvador

Local da entrevista: Sala Maker da Etec de Santa Fé do Sul

Data: 11 de julho de 2024

Técnico de gravação: Josué da Silva Pontes

Duração: 20 minutos e 07 segundos

Número de vídeos: 01 (um)

Transcritor: Ulisses Batista Thadeu Salvador

Número de páginas: 12

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, com a entrevistada Sueli Porte Brentan, Pedagoga, Especialista em Psicopedagogia, foi diretora da Escola Benedito de Lima, que ocupava o prédio onde é hoje a Etec de Santa Fé do Sul. Adesão do município ao Programa Municipalização da Educação Fundamental ocorreu de forma planejada, fazendo parte da primeira etapa desse novo arranjo duas escolas no município de Santa Fé do Sul, sendo uma delas a Escola Benedito de Lima, que foi municipalizada em 2004, foram momentos de muitos desafios, muito trabalho e estudos com a nova organização do ensino, buscando orientar e conquistar o apoio dos professores e também da população para que se fosse possível alcançar um consenso sobre o novo modelo de ensino.

Transcrição da Entrevista

Transcrição de Ulisses Batista Thadeu Salvador

Recebimento pelo Gepemhep em 17 de setembro de 2024.

Marcos Antonio Reis (MAR): Olá, pessoal, tudo bem? Eu sou professor Marcos Reis, coordenador pedagógico da instituição Etec de Santa Fé do Sul, e estou hoje aqui com a senhora Sueli Porte Brentan que vai nos contar um pouquinho da sua história, da sua relação com o prédio da Etec de Santa Fé do Sul. Tudo bem, Dona Sueli?

Sueli Porte Brentan (SPB): Tudo bem, graças a Deus.

MAR: Então está bem. Gostaria que a senhora se apresentasse para nós, Dona Sueli. A senhora é de onde? Nasceu onde?

SPB: Eu nasci em São Paulo, morei por 30 anos em São Paulo. Nesse período, me formei no Ensino Médio, e casei, tive duas filhas e me mudei para cá para Santa Fé.

MAR: Antes, de mais nada, é importante deixar os registros de agradecimento à Dona Sueli por ter aceitado o nosso convite de estar aqui para essa entrevista, para esse bate papo, e levantar tantas informações, né? Mesmo a senhora vindo de São Paulo para cá, veio para trabalhar no prédio de Santa Fé do Sul.

SPB: Isso.

MAR: Na Etec de Santa Fé do Sul, certo. Qual é a sua formação, Dona Sueli?

SPB: Eu sou pedagoga, especializada em psicopedagogia.

MAR: Olha, uma pedagoga e psicopedagoga. Muito bem. E quando a senhora teve contato pela primeira vez com o nosso prédio, com a Etec? Com a Etec não, com o Benedicto de Lima, né?

SPB: Foi assim uma surpresa imensa, porque eu vim me formar professora aqui em Santa Fé, porque eu tinha mais contato com a profissão em São Paulo, eu estava um pouco

afastada, e eu resolvi fazer porque era um meio mais fácil, e me adaptei bem. Aí eu comecei a trabalhar no município que era uma rede muito pequena, que na época só tinha pré-escola. Só que quando eu cheguei para trabalhar nesse grupo, logo o município organizou a pré-escola, aí eu trabalhei com quartos anos, com esse prefeito. Fiz o concurso e fui, e entrei como...já pertencente ao quadro de funcionários do município, e continuei. Só que na época a gente só trabalhava ainda com o pré-escola. Quando chegou em 2004, o prefeito resolveu aderir à municipalização, que na época era um choque. Aí ele entrou e municipalizou duas escolas só, e uma foi o Benedito de Lima né, na qual ele me nomeou como diretora. Então a gente chegou assim com muita vontade, mas ainda meio perdida né? Sem saber direito como que seria, tentando fazer o melhor, ele dando todo o apoio, mas assim, havia muita resistência, na época, pela municipalização. Nós tivemos que enfrentar problemas assim com sentido à resistência, tanto da população como dos professores do estado, apesar que eles estavam, continuaram no nosso grupo, né? Mas, mesmo assim, nós tivemos muita resistência. Mas, aos poucos, foi se adequando, com muito trabalho, muita conversa, muito estudo, muito entendimento de ambas as partes e chegou num consenso que deu bons frutos.

MAR: Claro. E Dona Sueli, então, a senhora chega aqui na escola já sendo diretora da escola?

SPB: Sendo diretora.

MAR: Entendi. Então, o prédio, essa organização, ela já estava como hoje? Por exemplo, hoje nós temos dois blocos no prédio. Então isso já tinha?

SPB: É, tinha, mas de uma forma assim... a gente percebeu que precisava de mudanças. Mas o município também não estava a altura de fazer todas as mudanças necessárias. Então, foi se fazendo aos poucos. Desde higiene, né, do prédio, limpeza. As quadras só tinha uma que não estava, assim, estruturada, não era coberta. E aí foi se adaptando aos poucos, mas sem nada assim de tanta transformação, do prédio, né

MAR: E a quadra que a senhora fala é essa quadra do meio aqui?

SPB: Isso, é.

MAR: A quadra do fundo existia já ou não?

SPB: Existia, mas...

MAR: Não se usava?

SPB: Não, não, muito pouco.

MAR: Provavelmente por causa do sol também, né?

SPB: Isso, também.

MAR: Dona Sueli, e as salas de aula? Como a senhora se lembra que eram as salas?

SPB: Olha, as salas era aquele sistema bem antigo, né? As carteiras atrás da outra, duas lousas, né, que foi o que nós recebemos.

MAR: Entendi.

SPB: E, assim, por exemplo, o piso da escola ele era bem gasto. Como tem escada, tanto da parte interior para chegar no pátio e depois para ir para o outro, chegava até a escorregar sabe? Porque estava gasto, já estava gasto... não tenho, assim, noção de quanto tempo tinha a escola, agora eu não lembro, mas já se percebia que estava bem gasto.

MAR: E, nas salas, a senhora chegou a pegar cortina? Tinha cortina na sala?

SPB: Não. Foi colocada pelo, na época, o prefeito porque a gente reclamava muito do sol que batia, né? Só tinha ventilador, nem se cogitava de ter um ar-condicionado na época, né? Porque ainda, até então, seria um sonho muito longe. Mas o que nós tivemos foi... é, assim, o que nós pudemos fazer de limpeza, colocamos cortinas, essas coisas básicas. E, por exemplo, a cozinha teve uma alteração, o material, a gente se preocupou muito em atender a população com o material necessário para todas as crianças terem condições, não ficarem sem um atendimento melhor porque não foi comprado o material. Então sempre teve uniforme, começou por aí.

MAR: Entendi. Eu perguntei das cortinas porque nas salas tinha o suporte. Tinha os varões, tinha o suporte na parede, né

SPB: Foi daquele tempo (risos)

MAR: Inclusive, eu guardei, acho que um varão ou dois, e um suporte da cortina. Eu deixei isso guardado comigo, por isso que eu perguntei se tinha cortina.

SPB: Foi, foi colocado naquele tempo.

MAR: Dona Sueli, a senhora ficou aqui quanto tempo, como diretora?

SPB: Dois anos.

MAR: Dois anos, né?

SPB: Isso.

MAR: Entendi. Então, nós tínhamos aqui uma escola municipal, né, fazendo toda a mudança do Estado para o Município, né. Eu imagino a resistência dos professores naquela época. Também para a comunidade, né?

SPB: Da população também, teve muita resistência.

MAR: E dentro do que a senhora vivenciou, já pegou uma escola e uma comunidade no entorno já constituída? Ou o que a senhora percebeu de mudança no entorno?

SPB: Olha, assim, o que a população foi chegando na escola, sendo bem atendida, aos poucos toda aquela resistência, como também o quadro de professores, né? Isso foi passando, então foi criando um grupo mais homogêneo, mais amigável... um bom atendimento com a comunidade, tudo isso era, assim, uma imposição mesmo que a gente trabalhasse dessa maneira para criar, pra eliminar esse tabu, né, esse problema da resistência. E assim foi feito, lógico que não foi de um dia para o outro. Foi com muito trabalho, com muita dedicação, mostrando que a qualidade... porque a preocupação dos pais era que a qualidade do ensino fosse cair, porque a Escola Benedito de Lima era uma escola onde a comunidade gostava, né?

MAR: Tinha já um certo carrinho?

SPB: Tinha um certo carinho, existia uma certa qualidade do ensino. Então, o medo da comunidade era perder tudo aquilo. Mas, logo, nós fomos deixando bem claro que nada ia se perder. Foi preservado. Então aos poucos eles foram entendendo.

MAR: A senhora se lembra quantos alunos tinha naquela época?

SPB: Eu não lembro.

MAR: Nós temos doze salas. Eram as doze ocupadas, ou não?

SPB: Mais no período da manhã, era lotado. À tarde eram menos, né, então... uns trezentos alunos, mais ou menos.

MAR: Bastante aluno. E naquela época, então, a cozinha funcionava ou não?

SPB: Funcionava.

MAR: Já funcionava para eles?

SPB: Já, já. Tinha a merenda escolar.

MAR: Entendi. Nesse período que a senhora ficou aqui, dois anos como diretora, houve alguma mudança no prédio? Teve alguma construção, reforma?

SPB: Não. Muito pouco. Pelo menos nesses dois anos que eu fiquei. Depois, o Governo do Estado foi cobrindo quadras, e eles cobriram aqui também, né, e mais algumas na cidade. Mas, foi ao longo de um certo tempo.

MAR: Entendi. Além do senhor Sérgio, quem mais a senhora conhece que estudou aqui, a senhora se lembra de alguém?

SPB: Ah! Tem alguns... tenho parentes, tenho... Ah, na época, eu convivi, assim, com muitas pessoas daqui, da comunidade, né? Ou com quem você conversa, conta a história "ah, eu estudava ali no, no Benedicto de Lima", mas também tem o apelido de "Jegão", né?

MAR: Jegão, tem até hoje.

SPB: É. Eu estudei lá no Jegão. Então, você fica sabendo. Mas, assim, lembrar agora nomes, assim, minha memória é falha (risos).

MAR: Um nome, né, a referência de “Benedicto de Lima”, de “Jegão”, ele ainda é bem forte, olha, já se passaram muitos anos, mas ainda é uma referência, né? Muitas pessoas falam ainda “ah, a Etec está lá no Jegão”, “a Etec é lá no Jegão”, né?

SPB: Isso.

MAR: E dentro desse período, ou agora, revisitando a escola, né, é óbvio que há uma mudança bem significativa, o que mais marcou a senhora, dentro dessa mudança que a senhora viu aqui?

SPB: Quando eu cheguei a primeira vez que eu vim aqui e vi a transformação, eu fiquei assim extremamente realizada como educadora, porque você vê o respeito que está se tendo pela educação. Porque a educação não são só os livros, né, não é só o professor, não são só os alunos. Então, o prédio em si, como foi adaptado, mostra claramente como houve preocupação que tivesse um ambiente adequado para os alunos estudarem. Uma outra coisa que também marca muito, acho que a cidade inteira já percebeu, é, por exemplo, os profissionais que trabalham aqui, a disciplina que tem dentro da escola, não necessariamente uma disciplina rígida, né? Mas uma disciplina de respeito, que respeita o aluno, a família do aluno, o próprio, né, funcionamento de tudo. Então, isso é a melhor divulgação que pode haver de uma boa educação, né? Então a gente fica imaginando “você já imaginou se todo o Brasil pudesse ter isso que tem aqui, que maravilha que seria?”

MAR: Vocês, como espectadores, né, que estavam lá fora, vivenciaram dois anos de reforma, né? Nós que estávamos aqui dentro, dois anos aguardando o prédio ficar pronto. Como foi isso? Como era vocês passarem na rua e verem que estava passando por transformação, o que imaginavam? O que a senhora pensava? Pensava que fosse chegar no que nós estamos vivendo hoje? Vendo hoje?

SPB: Não, passar, isso não. Porque você passa e você vê que estão mexendo, estão melhorando e você fala “nossa, olha, estão fazendo isso, estão fazendo aquilo”, mas você não faz ideia da estrutura que está sendo montada. Eu não fazia ideia. Se eu não tivesse vindo aqui, eu não saberia. Hoje eu sou uma divulgadora, eu divulgo para quem está fora, para quem mora aqui e não conhece... “vai lá, faz uma visita, vai ver como é que funciona”.

Por quê? Porque eu senti. Tudo isso, você começa, mesmo não trabalhando, mas você começa a vivenciar, você tem noção do que está acontecendo. Então, foi muito importante, depois que você vê toda a estrutura montada. E vocês, como profissionais, passaram isso. Sabe? E todas as pessoas que eu indiquei hoje tem alunos que estão aqui e que estão encantados. Mas nem nós imaginávamos que ia ser dessa maneira.

MAR: É, quando a senhora fala sobre uma mudança, né, sobre uma municipalização, sobre uma qualidade de ensino, eu, de uma geração um pouco depois da senhora, né, mais jovem, mas na mesma posição, como pedagogo, também tenho a mesma preocupação, da formação de um grupo de professores, de um corpo homogêneo, de pessoas que sejam comprometidas, de professores que preservam e queiram fazer a educação funcionar, no nosso país, né? No nosso município, no nosso entorno, na nossa pequena sociedade que pode aí ter condições de proporcionar melhorias para as pessoas, para as famílias, para os alunos, né. Então, acredito que a preocupação de pedagogo para pedagogo não muda muita coisa (risos) está no sangue realmente essa preocupação de realmente constituir um grupo forte, né, eu sempre digo que nós temos que ser fortes, nós temos que estar preparados para dar suporte para os nossos alunos, entender quem são as famílias, entender como é que funciona, para que eles também possam entender como é que é a escola e qual é a proposta que nós temos, né? Acredito que como a senhora fala é de ter aí uma seriedade, uma rigidez, realmente é uma preocupação com esse - hoje nós, falando de escola técnica - um profissional que nós vamos entregar para o mundo do trabalho.

SPB: Isso. Principalmente, mostrando que a escola técnica pode ser o futuro, porque nem todo mundo vai ter condições de fazer, talvez, uma boa faculdade, e já sai com uma base do trabalho, né? Se puder galgar outros meios, outros rumos, é melhor, mas pelo menos o que passa no ensino técnico já vai dar condições, já sai um bom profissional, né? Para poder concorrer no mercado de trabalho

MAR: É, de igualdade né, não ter aí uma desigualdade de conhecimento, né? Dona Sueli, e esses dois anos como diretora, a senhora vivenciou alguma experiência de algum evento interno da escola? Não interno organizado pela senhora, pela sua equipe, mas da comunidade usar o prédio para alguma festividade?

SPB: Na época era, assim, comum, sabe? Então, tanto nas festividades escolares, como alguém vinha pedir o prédio para fazer aniversário, para fazer casamento... Era sempre, né,

a gente procurava atender a comunidade, assinar um termo de responsabilidade, entregar o prédio dentro daquelas condições, e tudo bem, isso era comum acontecer, sabe?

MAR: Entendi, pela falta de centros comunitários, de convivência, nos bairros...

SPB: É, no município não tinha, né, idealizado essas coisas, hoje já é outra realidade, né? Hoje, por exemplo, naquele tempo usava até a cozinha da escola. Agora, depois, que terceirizou os alimentos, essas coisas, aí já entrou um outro processo, aí já não pode porque, né, envolve outras responsabilidades. Mas naquele tempo a gente fazia isso, né?

MAR: Nossa, é interessante de quando o prédio, a escola, ela se torna versátil dentro de uma comunidade, né?

SPB: Isso, ah sim!

MAR: Tem a sua versatilidade na utilização, não só para espaço de conhecimento, mas também trazendo aí momentos de distração, enfim, de festividade das famílias, né, do entorno

SPB: Isso, é!

MAR: Dona Sueli, eu agradeço pela sua participação, agradeço pela disponibilidade de ter vindo aqui contar a sua experiência como diretora da escola, de ter vivido aqui na nossa escola. Hoje eu digo nossa porque eu tomei posse, né, nós tomamos posse realmente, eu acho que não tem como dizer a escola “é da...”, não, é nossa escola, é nosso prédio, é nosso, né? Pertence a nossa comunidade, nós temos que ter isso interiorizado para realmente ter uma escola forte e solidificado dentro da sociedade santaféssulense. Muito obrigado por sua disponibilidade!

SPB: Eu que agradeço. Tanto de me dar esse espaço, como de ter contato com vocês!

MAR: Sempre que quiser, a escola está de portões abertos. Muito obrigado, Dona Sueli!

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Etec de Santa Fé do Sul

Jegão

Pedagogia

Especialista em Psicopedagogia

Escola Benedito de Lima

Administração

Edificação escolar

Merenda Escolar

Ensino Fundamental

Ensino Técnico

Dados Biográficos da Entrevistada



Sueli Porte Brentan, nasceu em 27 de novembro de 1953, na cidade de São Paulo, formada em Pedagogia, com Especialização em Psicopedagogia, atuou como professora no ensino infantil e fundamental I, e como diretora da Escola Benedito de Lima, em escolas do município de Santa Fé do Sul.

Dados Biográficos do Entrevistador



Marcos Antonio Reis, nasceu em Santa Fé do Sul (SP), aos 11 de fevereiro de 1975. É mestre em Psicogerontologia pelo Instituto Educatie, com MBA em Gestão de Pessoas pela Universidade Anhanguera-UNIDERP do Mato Grosso do Sul, graduado em Administração pela Universidade Anhanguera-UNIDERP do Mato Grosso do Sul, licenciado em Matemática pelo Centro Universitário de Jales, licenciado em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Urubunpugá, habilitado em Ciências Humanas e Linguagens e suas Tecnologias pelo Ministério da Educação e Universidade Federal Do Piau. Tem experiência na docência das disciplinas de administração, matemática.

Anexos: (Documentos sigilosos e não abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Sueli Porte Brentan

Termo de Autorização para uso de Imagem de Sueli Porte Brentan